

O TEMPO E SEUS SENHORES

(Paulo Edson Paim)

Há uma incerteza galopando nas planícies do meu peito.

Em meio à madrugada, na quietude de tudo,
um pensamento insistente pede pouso e pede prosa.

Afinal,

(mesmo que não estejamos vivendo o final
-antes sim, possivelmente, um novo início de tudo)
havemos de pensar sobre uma interrogação do nosso tempo:

Quem será que é mais feliz?

O neto, que vive nas estradas deste tempo,
ou o pai, que se temperou nas cruzadas de seu tempo?

Quem é mais feliz?

O homem que já acha lento o avião
ou o homem que ainda tem fincada sua raiz?

Entre os dois... Há um caminho extremo de setenta anos!...

Mas parece haver um milênio entre eles!

(Entre o pai do pai, - o avô das histórias
e o neto!... dos botões instantâneos, quase humanos...)

O pai do pai, quantas vezes, quando moço,
repontou os cavalos do potreiro... no sábado de manhãita:
toda a família encilhou os pingos
e partiu sem pressa para o baile na laranjeiras
ou na “estância” do Morro Grande,
que era tão bela e tão perto do céu.
-o lugar que lhe deu o nome tinha a forma de um chapéu.

E, esse homem de bombachas,
visitou seus vizinhos a cavalo,
e viu sua comunidade crescer...
viu os amigos e filhos crescerem...
e também sem pressa chegou mais cedo e chegou sempre.
(Havia um poncho de certeza cobrindo todo o seu tempo!)

O neto fala outras tantas línguas...
voa pelas estradas... vive milhares de encruzilhadas
às vezes vivendo para chegar nelas,
outras vezes para fugir delas,
quando o desejo de seguir e voltar
lhes parecem causar o mesmo encanto e o mesmo medo.

Tudo está a um toque dos dedos desse moço,
que com milhares de semelhantes
vive num mundo globalizado.
Já que não é um mundo de calças curtas a pastorejar ovelhas
É um mundo de memória eletrônica,
e de velocidade e de modernidade extremas.

(Tudo – quase tudo – a um toque das mãos
e, não raramente, a um Saara sem fim do coração.)

Há uma incerteza voando nas planícies do meu peito...

Um desses homens...tinha que fazer seu próprio laço
para laçar o boi que viraria churrasco e charque.

O outro tem a carne a pronta entrega
e tenta levar nos tentos suas finanças,
as vezes, mais... e muitas vezes menos
generosas que as de seu avô,
mas tão voláteis e instantâneas quanto o
arrebentar de um laço ou o dedilhar de meia
dúzia de números num telefone.

Um sonhava – sempre! - chegar.

O outro chega - às vezes – a sonhar
e chega sempre, e lhe parece comum o chegar.

Um lia e contava.

O outro ouve e consome.

E um e outro são senhores de seu tempo esses homens!

Um galopava em seu bem domado cavalo.

O outro navega sem barco, sem balanço e sem embalo.

Um falava do futuro...Do próximo milênio...

O outro vive além do futuro e é a própria imagem do novo milênio.

Um sentia. O outro tem a sensação.

(E havemos de convir que entre o verbo
e o substantivo há uma abismal diferença.)

Mas os dois dizem que a vida lhes conforta o coração.

Quem então é mais feliz?

O homem que já acha o avião sonolento,
e vê o momento como a décima fração de um triz
ou aquele que galopava ao vento
e na terra fincou a própria raiz?

Já fiz essa pergunta para o meu pai...

e também a fiz ao meu filho.

(Essa pergunta surgida da lacuna de setenta anos...)

E ambos disseram ser um mais que feliz que o outro.

E ambos disseram tudo, argumentaram tudo...

convencidos de que venceram e se fizeram convencer.

Mas para ambos foi um desafio responder,
como para os dois, e todos os seus contemporâneos,
é um desafio viver.

Há um incerteza navegando nas planícies do meu peito.

(E a madrugada da alma...

é escura demais nessas horas,
quando antes da labuta da lida,
a gente mateia e matuta nas coisas da vida.)

De certo é que ambos
(o homem de meados do século 20
e o homem dos primórdios do terceiro milênio)
vivem e sobrevivem
entre a multidão e o deserto,
campeando a soma de incertos instantes...
que compõem os momentos certos.
E que faz ambos acreditarem que o longe está mais perto,
mais perto para as certezas...dos que têm corações abertos.

Um e outro vivem... e caminham... e acreditam!...
e se voam ou enraizam é nos rastros do "ser feliz".
E -apesar do tempo, desses tão distantes tempos em que vivem -
na distância de cinquenta anos que os separa,
há um anseio latente e comum entre esses homens,
moldado com o ímpeto da coragem e da luta de sua gente:
Esse anseio!...que os move!
a sempre seguir à frente!...
Seguir sempre!... e sempre à frente!...